

ABORDAGENS TEÓRICAS E PRÁTICAS EM PESQUISA

COORDENADORES

Patricia Bieging

Raul Inácio Busarello

ISBN 978-85-7221-528-2

2025

*Francisco Gudiene Gomes de Lima
Suzana Marly da Costa Magalhães*

AS GERAÇÕES:
UMA DISCUSSÃO
CONCEITUAL NECESSÁRIA

RESUMO:

Utilizando pesquisa bibliográfica, este artigo caracteriza as gerações como um marcador temporal e uma estratégia universal de experiência do tempo bem mais complexa do que supõe o reducionismo determinista próprio das abordagens contemporâneas com o foco nos modos de comunicação. Essa concepção superficial da noção de geração é confrontada à perspectiva da geração como uma estratégia da experiência humana do tempo numa época em que ele se configura sob o modo da aceleração e em que os estratos temporais são não lineares, seja por meio da dessincronização entre as diferentes idades da vida na contemporaneidade, seja através da modulação temporal das gerações.

Palavras-chave: gerações, temporalidades históricas, idades da vida.

INTRODUÇÃO

Em tempos de Inteligência Artificial, é instigante especular como será percebida, muito em breve, a primeira geração a crescer na era da I.A. Essa é a mais recente inovação tecnológica de uma série de inovações, desencadeada a partir do surgimento da internet nos anos 90 do século passado, que tem marcado sucessivas gerações. Nesse contexto, nas últimas décadas, num esforço de modular a passagem do tempo, tornou-se lugar-comum identificar as gerações por letras do alfabeto: "geração X"; "geração Y"; "geração Z".

Nessa perspectiva, o critério definidor que tem servido para compreender fenômenos tão díspares como o comportamento sexual, político ou a atuação profissional, seria a maneira como as várias gerações lidam com as mídias.

Por exemplo, fala-se da chamada geração Alfa, essa nascida depois de 2010, considerados nativos digitais. Eles saberiam tudo sobre a Internet e os videogames, dominariam a linguagem dos hipertextos, sendo multitarefas, capazes de assistir vídeos, baixar aplicativos, digitar com os polegares nas redes sociais, simultaneamente, manuseando celulares com uma facilidade de técnico especialista (Santaella, 2017). Um mundo os separaria, por exemplo, dos chamados *babies bommers*, nascidos após a Segunda Guerra Mundial (Huelsen, 2017) e mesmo da geração seguinte, a "X", marcada pela televisão, que tem atualmente 50 anos.

O problema desses referenciais geracionais que se tornaram consensuais tanto no campo acadêmico como na vida social e na mídia, é o seu reducionismo determinista. Eles consideram exclusivamente o impacto das tecnologias da informação e comunicação sobre a sociedade e a cultura, ignorando os marcos históricos que permeiam a experiência coletiva. Eles aligeiram também o problema complexo da percepção do tempo, numa época em que ele é

experimentado no modo da aceleração e através de diferentes estratos temporais por meio do operador temporal das gerações, como será demonstrado a seguir.

Tendo em vista o exposto, este artigo busca realizar uma discussão interdisciplinar sobre o conceito de geração através de uma pesquisa bibliográfica de autores de referência do campo da História, Estudos Literários, Antropologia e Filosofia, visando demonstrar como a noção de geração é uma categoria essencial da experiência contemporânea do tempo.

AS GERAÇÕES COMO MARCADORES TEMPORAIS

Inicialmente, é importante esclarecer o fato de que, do ponto de vista antropológico, o emprego do marcador temporal das gerações é uma estratégia universal de experiência do tempo: toda religião e cultura tradicional, a partir do momento que humaniza o tempo, dotando-o de um passado e de um futuro, recorre à sucessão de gerações como operador temporal.

Quando a representação do tempo toma a geração por referência, ele passa a ser medido pela duração da vida dos homens que se sucedem, com ênfase, seja na continuidade ou oposição de gerações, seja no ciclo de degeneração-regeneração, seja no sentido de um tempo em progressão ou decadência, irreversível ou que se repete.

Nessa perspectiva, a concepção mítica das eras históricas, por exemplo, reproduz o ciclo vital nascimento-morte-renascimento através de um *processus* cíclico de tempo: a decadência conduz à perversão de gerações sucessivas até o ponto extremo em que

uma reação inversa engata uma era de ascensão e prosperidade, e tudo se reinicia.

Por outro lado, a sucessão de gerações descritas na Bíblia - principalmente no Antigo Testamento - é um caso de ordenamento linear do tempo histórico. Assim, a ideia de continuidade-progressão que marca essa concepção linear do tempo se refere à solidariedade de gerações que formam um todo, expressando um *continuum* bio-cultural que funda a identidade de todo um povo, de toda uma etnia.

Essa continuidade tão fundamental e quase universal remonta à própria concepção judaica do tempo. A Bíblia é abundante em medidas do tempo por gerações. "*Toldot*" que pode ser traduzido por "gerações", uma das expressões hebraicas presente no texto bíblico para designar História. Nesse sentido, o tempo histórico se caracteriza, na filosofia judaica, pela continuidade e a progressão possíveis graças ao pacto entre gerações solidárias da aliança, consagrado no deserto, para a instituição da lei moral (Attias-Donfut, 1996, p. 59).

Tendo em vista o exposto, é inegável que o conceito de geração pode ser considerado como uma forma de operador temporal. A esse respeito, Paul Ricoeur trata a "sequência de gerações" como um "instrumento de pensamento" capaz de estabelecer uma conexão entre "o tempo vivido e o tempo universal", tal como faz o calendário. Ou seja, Assim como o calendário, a sequência de gerações surgiu também de forma espontânea no âmbito de uma "prática histórica" (Ricoeur, 2010b, p. 176).

O calendário estende uma ponte entre o tempo vivido e o tempo cósmico; ele é "uma criação que não depende exclusivamente de nenhuma das duas perspectivas sobre o tempo, embora participe de ambas". O calendário instaura um terceiro-tempo (Ricoeur, 2010b, p. 177).

Também a sequência de gerações institui um "terceiro-tempo", mas não busca apoio astronômico para isso, como faz o calendário,

para instituir o terceiro-tempo histórico seu apoio é biológico. A partir da evidência biológica da mortalidade humana, a sequência de gerações consistiria na projeção, inicialmente sociológica, “da cadeia de agentes históricos vivos que vêm ocupar o lugar dos mortos”, uma ideia retomada na prática histórica sob a forma da “relação entre indivíduos anônimos” que, ao longo do tempo, constitui “a rede dos contemporâneos, dos predecessores e dos sucessores”. (Ricoeur, 2010b, p. 185). Nessa perspectiva, o terceiro-tempo que a sequência de gerações propõe está entre a fatalidade do “tempo mortal” (a sina individual da morte) e a “temporalidade pública da história” (p. 195).

A CONSTRUÇÃO GRADUAL DE UMA TEORIA DAS GERAÇÕES

A relação entre o decurso do tempo histórico e as gerações começou a ser debatida com entusiasmo no século XIX por Auguste Comte e W. Dilthey. Comte considerava que existe um ritmo de desenvolvimento do organismo social impulsionado pela renovação espontânea de uma geração pela seguinte. A partir do experimento mental da inviabilidade do progresso de uma humanidade composta por indivíduos de duração de vida indefinida, Comte deduz que a renovação contínua da humanidade nos curtos intervalos das vidas humanas interrompidas pela morte é uma força de aceleração que impulsiona à evolução social (Comte, 1877, p. 450-451). Essa experiência mental do pai do cientificismo também inspirou diversas histórias de ficção científica, e nunca esteve tão atual, mas sua finalidade original era demonstrar a importância do fenômeno social da “sequência de gerações”.

A teoria sobre as gerações chegou ao século XX conduzida por François Mentré no livro *As gerações sociais*, de 1920. Foi desenvolvido sociologicamente por Karl Mannheim no artigo *O problema*

das gerações, de 1928, e pela filosofia da história de Jose Ortega y Gasset no livro *História como sistema*, em 1935.

Na segunda metade do século XX, as discussões que relacionavam o decurso do tempo histórico com a sucessão de gerações foram sendo abandonadas na proporção em que crescia o interesse pela infraestrutura econômica da sociedade, ou seja, o historicismo marxista e seus derivados (Attias-Donfut, 1988). Recentemente, em palestra que dá título ao livro *Estratos do Tempo*, Reinhart Koselleck estabeleceu uma espécie de “fundamentação biológica” ou limite biológico que determina a capacidade humana de experimentar o tempo histórico. Ora, durante o intervalo de tempo entre o nascimento e a morte acumula-se um patrimônio finito de experiências. Essa é uma extensão humana do tempo (o tempo mortal, diria Paul Ricoeur) que delimita as bordas de uma geração:

Como um ser humano não consegue processar tudo, formam-se assim unidades geracionais, mesmo que mortes e nascimentos as alterem continuamente. O que podemos dizer sobre a experiência de repetição e o processamento de singularidades sempre se refere a gerações contemporâneas, que se comunicam e trocam experiências (Koselleck, 2014, p. 24).

Essa definição de “geração” surge na medida em que Koselleck tenta explicar a modalidade da experiência do tempo particular à espécie humana: “Herder já afirmara a existência de tempos próprios e enfatiza que cada organismo vivo contém sua própria medida de tempo, criticando assim a medida apriorística de Kant” (Koselleck, 2014, p. 20). A noção de geração desponta, então, como um fator estruturante da experiência humana do tempo e como um corolário da organização do tempo por diferentes estratos.

Afinal, o que propõe Koselleck é que a organização do tempo por meio de diferentes estratos “que remetem uns aos outros, mas não dependem completamente uns dos outros” (Koselleck, 2014,

p. 19). Ela é mais pertinente para dar conta da temporalidade contemporânea do que a organização linear do tempo, sendo o resultado das diferentes maneiras como os indivíduos e as gerações das quais eles fazem parte processam as experiências do passado e vislumbram horizontes de expectativa de futuro.

A teoria dos estratos do tempo é relativa, portanto, à forma como distintas gerações, com diferentes experiências do passado e expectativas do futuro, convivem na contemporaneidade, umas ao lado das outras. Os estratos do tempo podem ser cartografados ao se identificar as várias gerações, que, apesar de viverem no mesmo tempo, experimentam-no de forma diversa, percebendo a sucessão temporal e como nela ocorrem as mudanças, diferenciadamente, percebendo as modulações da sua velocidade, aceleração ou atraso.

Em relação à observação empírica dos estratos do tempo na contemporaneidade, Koselleck menciona a estratificação entre a geração de ex-cidadãos da República Democrática Alemã (RDA) e a geração de alemães ocidentais. Ambas, cada uma à sua maneira, foram surpreendidas com a velocidade do evento histórico da queda do Muro de Berlim em 1989. Nesse contexto, esse ato político, executado de forma rápida e irreversível em um ano, com notável maestria diplomática, não foi capaz de modificar de imediato as condições econômicas e, menos ainda, a atitude mental daqueles que viviam nessa região (RDA), pois

As dificuldades de adaptação socioeconômica não podem ser resolvidas diretamente por meios políticos. Só poderão ser remediadas por meio de mudanças de conduta, por adaptações ou por uma sintonização mútua entre as populações do oeste e do leste, o que exige um prazo que provavelmente excederá meia geração. Não sabemos quanto tempo será necessário. Mas qualquer pesquisa empírica precisará trabalhar, pelo menos implicitamente, com uma teoria de vários estratos do tempo (Koselleck, 2014, p. 22-23).

Existe a perspectiva biológica da sucessão de gerações, mas também existe a perspectiva cultural de Karl Mannheim. Ele contesta a possibilidade de determinar intervalos de tempo fixos entre gerações. Sua proposta não se apoiava na visão genealógica de filiação, nem na tentativa de adivinhar a quantidade de anos necessários para renovação de uma geração. Sua visão é essencialmente histórica e sociológica:

De um ponto de vista positivo - se não positivista -, a ideia de geração exprime alguns fatos brutos da biologia humana: o nascimento, o envelhecimento, a morte, donde resulta o fato, também ele bruto, da idade média de procriação - uns trinta anos -, que, por sua vez, garante a substituição dos mortos pelos vivos. Ora, a medida dessa duração média de vida enuncia-se em termos de unidades do calendário usual: dias, meses, anos. Esse ponto de vista positivo, preocupado apenas com os aspectos quantitativos da noção, não pareceu suficiente para os defensores da sociologia compreensiva, Dilthey e Mannheim, geralmente atentos aos aspectos qualitativos do tempo social. Esses autores se perguntaram o que era preciso acrescentar aos fatos incontornáveis da biologia humana para incorporar o fenômeno das gerações às ciências humanas (Ricoeur, 2010b, p. 187).

Mannheim considerava uma "geração como um grupo de pessoas aproximadamente da mesma idade, cujo principal critério de identificação social reside nas experiências históricas comuns e particularmente significativas das quais extraíram uma visão compartilhada do mundo" (Attias-Donfut, 2004, p. 101-102). Aqui, a geração ganha contorno eminentemente histórico:

Atualmente, caracteriza-se facilmente as gerações por movimentos de moda ou por gêneros de vida (os hippies, os "blusões negros", os "babs", a geração Pepsi, a geração do blue-jeans...), pelos eventos [históricos] (a geração da grande depressão, da guerra, de 1968), ou simplesmente pelos anos remarcáveis ("os anos loucos",

os anos 30, os anos 60) ou ainda pelo estado de espírito de um certo número de pessoas ("a *bof* geração")¹ (Attias-Donfut, 1988, p. 167).

Wilhelm Dilthey defende o mesmo ponto de vista, assim como partilha a investigação sobre o que determina o pertencimento a uma mesma geração, e como daí decorre a sequência de gerações:

Pertencem à "mesma geração", estima Dilthey, contemporâneos que foram expostos às mesmas influências, marcados pelos mesmos acontecimentos e pelas mesmas mudanças. O círculo assim traçado é mais vasto que o do "nós", e menos vasto que o da "contemporaneidade" anônima. Esse pertencimento compõe um "todo", em que se combinam um *patrimônio* e uma *orientação* comuns. Recolocada no tempo, essa combinação entre influências recebidas e influências exercidas explica o que constitui a especificidade do conceito de "sequência" de gerações. É um "encadeamento" decorrente do entrecruzamento entre a transmissão do *patrimônio* e a abertura de *novas* possibilidades (Ricoeur, 2010b, p. 188).

Assim sendo, caracterizar o "laço geracional" implica em levar em conta as forças que mantém unido e coeso o agir, sentir e pensar de certo modo, de uma certa coletividade, num certo período histórico, considerando que nem todos os contemporâneos estão submetidos às mesmas influências e, tampouco, exercem a mesma influência.

Claudine Attias-Donfut, autora do livro publicado em 1988 *Sociologie des générations: L'empreinte du temps* (Sociologia das gerações: o rastro do tempo) explora com profundidade a pegada temporal do fenômeno social da geração. Na sua opinião, uma geração não se caracteriza unicamente por fatos históricos que marcam

1 Alguns nomes de geração citados nessa passagem não fazem sentido em português, pois são relativos à realidade francesa sem correspondente brasileiro. É o caso de jaquetas negras, que em francês *blousons noirs* se refere a algo parecido com o nosso movimento da Jovem Guarda dos anos 60, porém com uma década de antecipação e bem mais rebelde e *rock and roll*.

uma época. Para além da mera identificação de uma geração a um acontecimento histórico marcante (a Primeira Guerra Mundial em relação à *Lost Generation* – “Geração Perdida” em português –, por exemplo), o que realmente ocorre é uma memória seletiva, uma forma de lembrar e comemorar acontecimentos marcantes. Desse modo, várias experiências vividas podem marcar uma geração, e uma memória compartilhada com um conjunto de referenciais sociais e culturais. Nesse sentido, as gerações não se definem por uma ou algumas memórias particulares, mas elas são objeto de uma construção coletiva do tempo. Elas são uma manifestação do que Maurice Halbwachs entendia ser a memória coletiva, forjando o “rastro do tempo” (*l’empreinte du temps*) característico de uma geração.

Outro aspecto peculiar do *empreinte du temps* é que sentimos pertencer à geração dos anos em que fomos jovens muito mais que do ano em que nascemos, de tal forma que uma geração é composta por indivíduos que eram jovens durante o mesmo período histórico. Assim, a geração do Maio de 1968 (*os soixante-huitard* – os “sessenta-oitistas” em uma tradução literal) seria composta por pessoas nascidas entre 1940 e 1950, mas não é exatamente isso que os define, pois a identidade de uma geração é um sentimento de pertença a um tempo histórico. Um tempo que foi metaforizado, segmentado e, por que não, um tempo estratificado, no significado que Reinhart Koselleck empresta a esse termo.

O rastro temporal de uma geração não se forma apenas na relação com um determinado passado histórico, mas também horizontalmente, nas trocas com as outras gerações com as quais partilha o mesmo tempo. Isso quer dizer que as gerações se constroem reciprocamente umas em relação às outras. Assim, a experiência do passado com o qual se identifica uma geração não lhe pertence de forma exclusiva. Essa experiência pode sofrer transformações ao ritmo das flutuações das temporalidades históricas. Nesse processo, “a geração não é deduzida da história, ela se constrói construindo a

história" (Attias-Donfut, 1988, p. 170). Vamos chamar essa operação temporal de "consciência de geração".

Todos temos consciência de pertencer a uma geração pelo próprio fato de experimentarmos o tempo. De fato, a consciência de geração surge justamente na idade da vida em que o tempo histórico se torna uma realidade. Esse momento é a juventude, quando o processo de afirmação individual e social nos leva a nos posicionar diante dos adultos em busca de construir uma identidade. A crescente autonomia, o aparecimento de desacordos abertos ou latentes com adultos, a afirmação da personalidade, esses e outros conflitos promovem a diferenciação e, conseqüentemente, a identificação geracional.

Nesse contexto, a capacidade de se perceber como membro de uma geração permite medir a sua trajetória temporal perante as demais. A diferenciação geracional é, portanto, uma forma de localização temporal, em que o indivíduo percebe sua própria geração em relação àquelas que o precederam, com as quais convive, e as que o sucederão. A continuidade ou a ruptura que atravessa o passado o presente e o futuro são, então, apreendidos precisamente na relação intergeracional. Estamos falando da sucessão temporal que se observa empiricamente entre as gerações que, em algum momento, dividiram o mesmo tempo; mas também estamos falando de sucessão de gerações do tempo histórico "anônimo", onde convivem "o reino dos contemporâneos, o reino dos predecessores, o reino dos sucessores" (Ricoeur, 2010b, p. 191), ideia que Paul Ricoeur toma emprestado do sociólogo Alfred Schütz. O mérito desse pensador alemão foi de tematizar o "anonimato" subjacente à sucessão das gerações: "meu simples contemporâneo é alguém que eu sei que existe comigo no tempo, mas de quem não tenho nenhuma experiência imediata" (Ricoeur, 2010b, p. 193).

De certa forma, a consciência de geração adquirida através da interdependência das gerações é uma forma de experimentar

a sucessão do tempo, uma vez que jovens e adultos vivenciam o tempo a sua maneira. A esse respeito, Koselleck afirma que, a depender da idade da vida, a capacidade de se surpreender com eventos singulares no decurso do tempo é diferente: uma pessoa mais velha não se surpreende tão facilmente quanto um jovem:

Podemos caracterizar o envelhecimento pela diminuição da capacidade de se surpreender. Quanto maior tiver sido o acúmulo interiorizado de surpresas possíveis, menor será a capacidade de surpreender-se, tão própria dos jovens. Esse aspecto biológico da experiência histórica humana não se esgota completamente na história política e econômica. - A arrogância da idade pode levar à cegueira, pois a resistência a surpresas bloqueia possíveis experiências novas. Com a repetição de experiências rotineiras, desperdiçam-se as chances de se perceber algo novo. Nesse sentido, os tempos históricos se apoiam em limites biológicos (Koselleck, 2014, p. 24).

AS IDADES DA VIDA

É importante destacar que essa reflexão sobre a consciência de geração conduz naturalmente para a questão das idades da vida. Sobre o tema, Koselleck fala que o envelhecimento é a diminuição da capacidade de se surpreender. Schopenhauer acredita que à medida que envelhecemos os acontecimentos são cada vez menos percebidos por nós, “os objetos passam rapidamente diante dos olhos sem deixar-nos alguma impressão”, gerando uma fuga do tempo; em contrapartida, “durante a infância, a novidade das coisas e dos acontecimentos faz que tudo se imprima em nossa consciência. Às vezes, os dias são tão longos que os perdemos de vista.” (Schopenhauer, 2022, p. 197)

Além disso, no próprio processo de confrontação intergeracional, o envelhecimento pode caracterizar uma forma de experiência

do tempo. O movimento de ascensão de novas gerações capitaneado pelos jovens conduz a geração anterior a tomar consciência do seu envelhecimento, por conta do inevitável fato que ela se desloca mais e mais para o passado. De certa forma, pesquisando como essa "consciência de geração" se manifesta no período do Pós-Guerra (1945-), Eric Hobsbawm destaca, sobre um século XX caracterizado por extremos, que o abismo que só aprofunda entre os jovens e os adultos, devido à relação que mantêm como o passado:

O poder de mercado independente tornou mais fácil para a juventude descobrir símbolos materiais ou culturais de identidade. Contudo, o que acentuou os contornos dessa identidade foi o enorme abismo histórico que separava as gerações nascidas antes de, digamos, 1925 das nascidas depois de, digamos, 1950; um abismo muito maior que o entre pais e filhos no passado. A maioria dos pais com filhos adolescentes passou a ter uma aguda consciência disso na década de 1960 e depois. Os jovens viviam em sociedades seccionadas de seu passado por revolução, como na China, Iugoslávia ou Egito; por conquista e ocupação, como na Alemanha e Japão; ou por libertação colonial. Eles não tinham lembrança de antes do dilúvio. A não ser talvez pela experiência partilhada de uma grande guerra nacional, como a que ligou velhos e jovens por algum tempo na Rússia ou na Grã-Bretanha, eles não tinham como entender o que seus pais velhos haviam vivido ou sentido mesmo quando estes se dispunham a falar do passado, pois a maioria dos alemães, japoneses e franceses se mostravam relutantes em fazê-lo (Hobsbawm, 1995, p. 322).

As gerações se definem umas em relação às outras e dessa operação temporal resulta o processo de envelhecimento e de percepção sobre a morte como modalidades de experiência do tempo. Sobre isso, Paul Ricoeur observa que a noção de "morte anônima" desponta como um articulador temporal de fundamental importância para a escrita da história que opera por meio da sequência de gerações:

Visada obliquamente, assim é efetivamente a morte, no sentido de que a substituição das gerações é o eufemismo mediante o qual dizemos que os vivos tomam o lugar dos mortos, fazendo de todos nós, os vivos, sobreviventes; por intermédio dessa visada oblíqua, a ideia de geração recorda com insistência que a história é a história dos *mortais*. Ultrapassada, assim é a morte, no entanto, logo de saída: para a história, só há com efeito papéis que nunca ficam sem herdeiros, mas são a cada vez atribuídos a novos atores; em história, a morte, como fim de cada vida tomada uma a uma, só é tratada alusivamente, em prol das entidades cuja duração passa por cima dos cadáveres: povo, nação, Estado, classe, civilização. **No entanto, a morte não pode ser eliminada do campo de atenção do historiador, sob pena de que a história perca sua qualidade histórica. Onde a noção mista, ambígua, de morte anônima.** Conceito insuportável? Sim, para quem deplora a inautenticidade do “a gente” impessoal; não, para quem discerne, no anonimato da morte, o próprio emblema do anonimato não somente postulado, mas instaurado pelo tempo histórico no lugar mais agudo da colisão entre o tempo mortal e o tempo público [da historiografia]: a morte anônima é como o ponto nodal de toda a rede nocional a que pertencem as noções de contemporâneos, de predecessores e de sucessores - e, por trás destas, a noção de sequência de gerações. (Ricoeur, 2010b, p. 195-196, grifo nosso)

Aqueles que ainda não morreram, estão envelhecendo juntos; um fluxo temporal acompanha outro, enquanto durarem juntos: esse é o “reino dos contemporâneos”. O “reino dos predecessores” é aquele dos “ancestrais”; aqueles que morreram antes do meu nascimento. O reino dos sucessores pertence ao futuro, é o mundo dos que ainda não nasceram, e como tal, remetem ao “horizonte de expectativa”. Na corrente da história, a representação desses não vivos (ancestrais, vivos, sucessores) se faz sob o selo do anonimato, quer dizer, algo que se posiciona a meio caminho entre o homem mortal e a espécie humana imortal (Ricoeur, 2010a).

Convém ressaltar ainda o fato de que o significado do envelhecimento na contemporaneidade é bastante expressivo com relação à experiência do tempo, pois a aceleração impactou em cheio o significado dos processos de amadurecimento, assim como os de envelhecimento. Na medida em que os repertórios culturais se dissolvem bem antes da duração de tempo de uma vida média, a era da transmissão da bagagem cultural dos mais velhos para os jovens terminou; jovens e idosos vivem cada vez mais em submundos isolados entre si; formaram-se duas linhas etário-temporais que correm paralelas sem se tocar. Hartmut Rosa vê aqui uma manifestação da “não contemporaneidade do contemporâneo”, uma “dessincronização social”: “as experiências, as práticas e o conjunto de conhecimentos da geração dos pais tornam-se crescentemente anacrônicos e sem sentido, e (uma vez que o conhecimento está ligado à participação prática) até mesmo *incompreensíveis* - e vice-versa” (Rosa, 2020).

Nesse contexto, os ganhos que a tecnologia proporcionou à longevidade, além de retardar a morte aos estertores da velhice, criaram o fenômeno da “sociedade multigeracional”, ou seja, da multiplicação de gerações coexistindo na duração do tempo. (Attias-Donfut, 1988, p. 203) Assim sendo, a sociedade multigeracional decorre da extrema rapidez com que ocorrem as viradas geracionais. Já trouxemos aqui a crítica de Mannheim à pretensão de adivinhar a quantidade exata de anos entre as gerações... Adicionamos, agora, que esse intervalo de tempo é cada vez menor, o que provavelmente decorre de uma intensa aceleração do tempo na contemporaneidade. Trata-se da “Aceleração” de que fala Hartmut Rosa, cuja tese principal se baseia na velocidade crescente (inter-geracional → geracional → intra-geracional) das mudanças sociais:

A tese, defendida neste trabalho [livro “Aceleração”, de uma aceleração da mudança social no decorrer do processo de modernização pode ser aqui formulada, agudamente, na ideia de que a rapidez dessa transformação foi aumentada de uma velocidade **intergeracional**

no início da Modernidade, passando por uma fase de certa **sincronização com a sequência geracional** na “Modernidade Clássica” e, em seguida, a uma velocidade que na Modernidade Tardia se tornou tendencialmente **intrageneracional**? (Rosa, 2020, grifo do autor).

CONCLUSÃO

Tendo em vista o exposto, evidencia-se a pertinência de problematizar ainda a categoria das gerações através dos seguintes questionamentos:

Qual seria a relação entre as gerações etárias que convivem na contemporaneidade? uma geração *teenager* e outra composta de pessoas em faixa etária avançada teriam uma percepção estratificada do tempo?

A relação entre gerações etárias decorreria de uma compreensão linear do tempo histórico? Qual percepção de tempo histórico estaria por trás das gerações que se sucederam ao longo do século XX?

Que experiência do tempo se insinua na maneira como as idades da vida se apresentam na atualidade? Quais seriam as fases eleitas como idades da vida? Qual a hierarquia entre elas? Podem as idades da vida revelar algo sobre a forma de vivência das temporalidades contemporâneas?

Tais questionamentos revelam como o marcador temporal das gerações pode ser uma abordagem de articulação temporal bem mais complexa e sofisticada do que supõe o enfoque das diferentes gerações que se sucedem em função da progressão tecnológica, consensual em nossos dias.

Esses aspectos poderiam ser considerados em pesquisas posteriores, que teriam que enfrentar os desafios de dar conta da complexidade da nossa experiência do tempo, comunicando-se de modo claro e fazendo encaminhamentos práticos para áreas tão distintas como a Educação e a Comunicação.

Nesse sentido, urge a realização de mais estudos empíricos, na atualidade, considerando *locus* diversos e diferentes categorias sociais, além de pesquisas históricas e na área dos Estudos Literários e das artes visuais, que evidenciassem as diferenças marcantes entre as formas de viver e perceber as temporalidades do presente e do passado. Esse programa de pesquisa pode vir a evidenciar o quanto a nossa postura atual é de uma alteridade nada óbvia, no que concerne à sua forma de perceber e sentir o tempo, o que se impõe como uma empreitada para um movimento indispensável de resgate e conservação da memória...

REFERÊNCIAS

ATTIAS-DONFUT, C. **Sociologie des générations**: l’empreint du temps. Paris: Presses Universitaires de France-PUF, 1988.

COMTE, A. **Cours de philosophie positive - cinquante et unième leçon**: théorie générale du progrès naturel de l’humanité. 4ª. ed. Paris: Librairie J-B Bailleière et Fils, v. IV, 1877. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/items/5cd09956-f9ae-404c-acfd-c49dc9a15668>.

HOBBSAWM, E. **Era dos Extremos**: o breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

HUELSEN, P. A influência da tecnologia nos valores das gerações. In: ROCHA, C.; SANTAELLA, L (org.). **A onipresença dos jovens nas redes: sociotramas 2**. Goiânia: Gráfica da UFG, 2017. Disponível em: <https://278publica.ciar.ufg.br/ebooks/invencoes/livros/3/capitulos/c07.html>. Acesso em: 3 abr. 2024.

KOSELLECK, R. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa 3, O tempo narrado**. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa 1, A intriga e a narrativa histórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

ROSA, H. **Aceleração**: A transformação das estruturas temporais na modernidade. São Paulo: Editora UNESP, 2020. Disponível em: <https://fr.everand.com/book/443648993/Aceleracao-A-transformacao-das-estruturas-temporais-na-modernidade>. Acesso em: 30 jul 2025.

SANTAELLA, L.; ROCHA. Os jovens como termômetros do Zeitgeist. *In*: **A onipresença dos jovens nas redes**: sociotramas 2. Goiânia: Gráfica da UFG, 2017. Disponível em: <https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/invencoes/livros/3/capa.html>. Acesso em: 8 maio 2024.

SCHOPENHAUER, A. **Aforismos para a sabedoria de vida**. São Paulo: Edipro, 2022.

Francisco Gudiene Gomes de Lima

O autor é graduado em Filosofia e possui mestrado em Ética na Universidade Estadual do Ceará (UECE), e um segundo mestrado em Philosophie Contemporaine, Rhetorique et Ethique na Université Paris-Est Créteil Val-de-Marne, na França. Atualmente, é doutorando no Programa de Pós-Graduação de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGH-UNIRIO).

E-mail: francisco.lima@unirio.br

Suzana Marly da Costa Magalhães

A autora é graduada em Letras pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). É mestre em Educação pela UFC e tem doutorado em Études lusophones na Université de Paris III - Sorbonne Nouvelle, tendo publicado o livro O prazer do texto: atividades de leitura e criação textual para professores de ensino médio (2022).

E-mail: suzanaisgn@gmail.com